

Medicina e Religião

Ex-votos Picturais

João A.B. Patrício

Professor Jubilado da
Faculdade de Medicina de Coimbra

O tema que nos propomos tratar incide particularmente nos ex-votos picturais dedicados pelos desenganados da Medicina que sentiram alívio no regaço da divindade.

É intrínseco ao Homem a aceitação do Além, já que muito para lá de si e superior a si prevalece um poder que condiciona o Universo, a Vida e a Morte, poder que interage com o ser humano no estabelecimento duma relação intimista de protecção e de castigo.

O homem primitivo atribuía aos poderes sobrenaturais as manifestações da força da Natureza, assim como a doença ou a acidente; a saúde representaria uma benesse dos deuses e a doença o desagrado ou castigo. Presenteava os deuses com a deposição de ofertas, antídotos da ira ou do desagrado divino, ou com símbolos de agradecimento pelo favor concedido¹⁰. Tratava-se do cumprimento de um voto e da oferenda, designada por oferenda votiva ou ex-voto (EV) (fig.1).



Fig 1- “pequena estatueta de bronze, representando um galo (ex-voto a Esculápio?).”

Origem: Colecções do Museu Monográfico de Conímbriga N° INV. MMCA387

Os ex-votos são intemporais, transcendem o tempo e, integrados na sua época temporal e social, constituíam centros de energia espiritual

A relação medicina-religião além dos ex-votos encontrava-se e encontra-se presente em formas diversificadas, de entre as quais, amuletos que afastam o diabo, talismãs aos quais são atribuídos poderes positivos, feitiços, objectos de devoção, bruxarias, maus-olhados dirigidos aos inimigos para que sobre eles recaiam doenças, sofrimentos, infelicidades.

A doença contraída, independentemente do agente etiológico ser endógeno ou exógeno (e mesmo que se trate da violência dum desastre) é fonte de sentimentos e de relações com a intervenção divina (*Que mal fiz eu a Deus*) ou com algo misterioso. Não desapareceu a atribuição da origem da doença, mesmo que se trate de doença genética, a influências exteriores e misteriosas, provocadas por “*espíritos malignos*”, ou por pessoas detentoras de “*dons extraordinários*”, dentre as quais se incluem astrólogos, adivinhos, curandeiros, videntes; e se lhes atribuem a génese do mal, também lhes concedem o poder de curar e aliviar tormentos.

A concepção da origem da doença semeada pela divindade encontra-se entre os seguidores de muitas religiões antigas. Há exemplos expressos no Antigo Testamento: o rei David actuou contra vontade de IAHWEH que o puniu mas lhe concedeu a possibilidade de escolher uma das três propostas: três anos de fome, três meses de reversos militares, três dias de peste; escolheu três dias de peste, de que resultaram 70.000 vítimas. Outro exemplo é a maldição que puniu Eva e descendentes “... *na dor darás à luz filhos..*”, expressão bíblica aceite à letra até meados do século XX. Ambroise Paré (1509-1590), apesar do seu espírito científico, revelou a convicção de que a doença, no caso a sífilis, era um castigo divino para punir a libertinagem sexual.

As epidemias e as calamidades interpretadas como punições da justiça divina, conceito renovado ao longo da história, inclui as “pestes” antigas, as epidemias medievais e recentemente, foi amplamente invocado a propósito da sida.

227 Em 1569, governando a Igreja de Deos Pio V. Alexandrino, e o Imperio Maximiliano II. castigou a Omnipotencia Divina outra vez este Reyno de Portugal pelos seus grandes peccados com Peste, que durou doze mezes continuos; por anthonomafia lhe chamaraõ grande, pois o reduzio a hum continuo Hospital, e medonho Cemiterio, tendo o Sceptro delle El Rey Dom Sebastiaõ. Foy tal a consternaçaõ, em que o povo andava, que se resolveraõ fazer hum voto de levarem em Procissãõ de triumpho todos os annos a Imagem de Nossa Senhora da Saude, se alcançassem por sua intercessãõ de seu Unigenito Filho embañar a espada da sua justiça, livrando-os da terrivel Epidemia, que padeciaõ havia tanto tempo. Foy feito o voto com taes circumstancias, que foy ouvido, e despachada a supplica, e em acçaõ de graças à Imagem da mesma Senhora, elegeraõ o dia da quinta feira depois da Paschoela, para pôr em execuçãõ a promessa, dandolhe principio com huma de votissima Procissãõ, em que os officiaes do Senado da Camara, e Illustrissimo Cabido levarãõ com grande culto, devoçaõ, e reverencia a Imagem da dita Senhora da Saude, sahindo da Se, e recolhendo-se em Saõ Domingos, donde se cantou huma Missa acompanhada do seu Sermaõ, e de grande concurso do povo; devoçaõ que tem continuado inviolavelmente ategora, e sempre com o mesmo fervor, e devoçaõ.

(*Historiologia Medica, Joseph Rodrigues de Abreu, Tomo I, pg. 616, MDCCXXXIII.*)

Os ex-votos exprimem a condição humana, os seus limites, as suas deficiências físicas e psíquicas, as suas esperanças, a sua finitude temporal, testemunhando a relação entre o misterioso que há no Homem e o mistério da Divindade, entre o visível e o invisível; expressam esteticamente a realidade transcendental, materializam-na, representam-na, criam a re-presença. Nos picturais de índole cristã, a materialização da divindade é representada por Cristo, por santos aos quais são atribuídos funções curativas e por ermitães ¹⁰ tidos como detentores do poder de curar e obrar milagres.

O observador chega a confundir a representação com o Ser, e dirige-se à imagem à qual atribui a graça recebida. Como acontece com a fotografia de quem amamos e que expomos em nossa casa, trata-se de um ícone, representação pictórica da "imagem" da divindade. Mas o ex-voto expressa mais, a vivência comunicacional com a divindade no quarto ou no espaço onde o beneficiado se encontrava.

O ex-voto pictural, em regra, integra-se na Arte Popular e é património inestimável e enriquecedor da nossa cultura. É uma manifestação de espontânea sinceridade da alma, isenta de técnicas de escola mas plena de espiritualidade.

Depositados por todo o País, que os acolhe em capelas, igrejas, conventos, museus, oferecem-se a quem os pretende penetrar, e como um actor ou um livro, disponibilizam-se, repetem continuamente no silêncio a história da sua existência: milagres maravilhosos donde emanam forças nascidas na profundidade da alma e dirigidos à

Divindade. O olhar, os gestos são de confiança na petição e agradecimento, e todos os personagens, inclusive o observador, sentem-se irmanados.

As mensagens transmitidas são baseadas em factos vividos, tidos por reais, e adornados pela imaginação dos beneficiados ou por quem encomendou a obra, relatadas ao pintor, que interpretou a seu jeito o que lhe foi contado, e fê-lo não raramente com abundante fantasia e liberdade artística. A falta de técnica de escola, os poucos meios e as dificuldades de execução, dificultaram, mas não eliminaram o sentido estético e criador, que embora envolto em ingenuidade é pleno de autenticidade. Mas se o ex-voto é alheio a razões estritamente técnicas, não significam que não espelhe a procura do belo.

Os ex-votos são marcos de caminhos calcorreados por romeiros carregados de tragédias, dores, ansiedades, mas também de ternuras e louvores. Marcos que concediam credibilidade aos relatos materializados na pintura e legenda, e que, envoltos em fantasias, criaram raízes tradições e lendas. Tradições e lendas que por nos deliciarem tanto, não merecem que se tente verificar a eventual veracidade, antes sejam tomadas como realidades envoltas na nebulosidade dos tempos. E sobretudo quando o santo é “*nosso*”, como o Santo António¹², ou nosso co-residente como Nossa Senhora da Lapa, maior valor espiritual as gentes lhes atribuem, maiores serão os sentimentos de confiança, de entrega, de esperança e de gratidão.

Estes documentos, memórias nascidas em regra da simplicidade, da resignação, do misticismo, integram-se na cultura e na civilização em que foram gerados e mereceriam ser preservados cuidadosamente. Infelizmente, pela incapacidade de responsáveis, ignorância, desprezo, incúria, destruições em autos de fé, bolor e nevoeiro do tempo, têm caminhado para a profundidade do esquecimento, para a degradação que impossibilita o restauro e daí a perda total.

Embora a interpretação seja simplista, aceita-se que os ex-votos referentes a doenças humanas sejam classificados em médicos e cirúrgicos. Entender-se-á por EV médicos, os que referem patologias indefinidas – “*ar que passou*” (fig.2), e “*melanconia mortal*” (fig.3) - ou incluíveis no campo da clássica patologia interna – “*dor no coração que se lhe arrancava*” (fig.4); EV cirúrgicos serão os que concretizam a doença na pintura ou no texto ou a traduzem por uma expressão de sofrimento ou por atitudes corporais da afecção (patologia externa) – “*a cause a termos de se lhe cortar o braço*” - (fig.5).

Segundo a intenção do ofertante, os EV são referenciados como propiciatórios e gratulatórios, embora todos sejam de acção de graças.



Fig 2- “MERCE QUE FES. NOSSA. S^{RA}. DA COMSOLAÇÃO A hum^A rapariga. Maria. Filha DE mAnoel ROIZ uindo conhū cântaro. DAGOA passou . OAr. Pro ELLA. pro merce DADItA. S^{RA}. FICOU. SAM DODITO mal. nA erA Di692 filha Dem^{el}. ROIZ; CAXAPORA”

Origem: Igreja de S. Lourenço, Portalegre



Fig 3- “MILAGRE Q.FES.S.MARCVS. EM. D.PAVLLA I^A DE JOACHIM REBELO DE QVEROS E. D. M^A. DEMESQ^T E CARV^O. MORADORES NA SVA Q^A DO BRVNHEDO C^O. DEPENAGVIAM DE ALIVRAR DE H^A MELANCONIA MORTAL”

Origem: Palácio de Mateus, Vila Real



Fig 4- “MILAGRE Q. FES N.S.^A DOREMEDIOS DESTA FRG^A DE S.CLAUDIO A ANTONIO DA SILVA DE OLIVR^A ESTANDO DOENTE COM DORES NO CORAÇÃO Q SE LHE ARANCAVA EA PEGANDOSE AD^A S.^A LOGO EM CONTENENTE SAROU COMO Q. NADA TIVERA, NO ANNO DE 1755. @s”

Origem: Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães



Fig 5- “Milagre q' fês Santo Amaro a Bernardo Jose Gomes estando Acauze atermos de Selhe Cortar o barso Esquerdo Rogou ao dito Santo e ficou Livre em o an 1813”

Origem: Museu Nacional de Arte Antiga

O propiciatório (fig.6) atesta o pagamento dum promessa condicionada à obtenção dum resultado estipulado por um contrato definido pelo interessado, na convicção de que a outra parte, a parte invisível e imaterial aceitará o pacto. Trata-se de um complexo conjunto de súplica, oração, promessa, concessão do pedido fundamentado na esperança, mas não isento de alguma suspeição dum resultado duvidoso. É o expresso no ex-voto que anuncia que os doadores não contraíram a “*colera morbus*”, e por isso disponibilizaram “*avultada esmola*” que permitiu a aquisição de um bom vestido, de um lustre, da afinação do órgão, e completar a capela do Menino entre os Doutores.



Fig 6- “José Joaquim Gonçalves, natural da freg.^a de S. Bartholomeu da Esperança deste Concelho, e residente no Imperio do Brazil, offereceu a N. Senhora de Porto d’Ave uma avultada esmola, se elle e sua m.^{te} D. Maria Gonçalves não fossem acometidos da Cólera Morbus, e viéssem para sua caza horas de perigo, o que tudo se verificou: e dispenderão a ditta esmola em um bom vestido para a Senhora, um lustre de vidro, compor o Orgão, e completar a Capella do Menino entre os Doutores. Mandado este fazer em Agosto de 1860.”

Origem: *Museu do Mosteiro da Senhora do Porto – Porto de Ave, Póvoa de Lamhoso*

Nas representações pictóricas, as doenças nem sempre são evidentes; talvez por pudor em representar a região anatómica afectada, talvez com o intuito de preservar a intimidade do sofrimento, talvez por outras causas entre as quais, as insuficiências ou incapacidades do pintor, o carácter sucinto da representação, as dimensões exíguas do espaço disponível na tela.

Apesar destes condicionalismos, os quadros registam doenças, agressões, acidentes que molestaram ou que por graça divina não molestaram. Registam o agradecimento pelo alívio, pela cura ou porque do acidente ou da ocorrência poderiam ter resultado danos maiores.

Se a descrição é sempre sucinta, pelo que toca à doença, em regra é imprecisa. Imprecisa porque não a define e porque não permite compreender o grau de gravidade.

Para entender a dificuldade da interpretação há que considerar também a dinâmica e a renovação do vocabulário. E o referente às doenças não escapa à metamorfose. Como exemplo, entenda-se a complexidade do sentido, da riqueza e da vastidão abrangente de termos e expressões tão banais que se lêem nos ex-votos como doença, doente, mal-estar, agonia, deitar sangue pela boca, pleuris, ar que passou, ostrução.

Também não admira que as doenças estejam designadas por termos regionais e por erros de escrita que por vezes dificultam ou impedem a interpretação do conceito que o escriba pretendeu transmitir. Nestas condições compreende-se a dificuldade na interpretação e que não chega a ser ultrapassada pela consulta dos livros de patologia e dicionários da época - estursão, menteca pera (fig.7), degastia .



Fig.7- “MILAGRE QUE FES NOSA SENHORA DA LAPA A DIOGO PR^A CHAVES MERCADOR DESTAVILA P^A LIBRAR DE HUã MENTECA PERAQUE HIA PREPENESENDO”

Origem: Museu Municipal de Ponte de Lima

O diagnóstico, a gravidade da doença e a previsível evolução seriam ditados pelo médico ou pelo cirurgião. Mas aceita-se que interviesse na sentença opinativa um qualquer entendido ou mesmo essa entidade colectiva não individualizada que é simultaneamente toda a gente e ninguém, denominada Povo.

Trata-se de opiniões fisiopatológicas e terapêuticas baseadas em conceitos da antiguidade, em crenças e sentimentos acumuladas pelos tempos, mas não integráveis nos entendimentos actuais.

Pelas razões invocadas, e outras haverá, a interpretação médica dos ex-votos conduz com frequência e necessariamente ao domínio da imaginação: lancetar a perna (amputar), cângaro das partes baixas, ataque de sangue (em mulher –metrorragia), frida ruim, ar que passou, tumor que tinha em parte que não o queria deixar tirar, principio de cângaro, dores exericas , moléstia pensativa, etc.

Entre a multiplicidade de quadros, rareiam os que na pintura expressam o acto cirúrgico.

O da amputação (fig.8) mostra a navalha, a serra e a preparação dos ferros que incandescentes seriam utilizados no corte da “*carne podre*” e na hemostase. Entende-se que o doente ao abraçar a relíquia e apertar na mão o livro sagrado, solicita a acção protectora e pode adivinhar-se que a própria preensão contribua para minorar a intensidade da dor física e psíquica.



Fig 8- “SUCCEDEO ESTEPRODIGIO E LAMENTAVEL CASO AO CONEGO JOAO DIAS DE ANDRADA DA SE E DE ELVAS EM OS 9 DE JANEIRO DE j685”

Origem: Capela da Senhora das Necessidades, Soalheira, Fundão

No quadro referente à operação à catarata (fig.9), o pintor coloca o cirurgião de forma a procurar equilíbrio estável, essencial para a execução dum gesto que exige precisão e executado num campo exíguo.



Fig 9- “FAVOR, Q. RECEBEO DO S.^r JEZUS DA PIED.^e. ESTEVAÕ JOZE BORGES, CAP.^m. DA COMP.^a DVETRANOS DESTA PRAÇA D' ELVAS D' OMILHORAR DA SUA VISTA D'POIS D'LHE TIRAREM AS CATARATAS NO ANNO DE 1821.”

Origem: Museu Antropológico da Universidade de Coimbra

No ex-voto referido à paracentese (fig.10), o procedimento terá seguido como o que se transcreve:

“Prognosticando o perigo, sacramentado o doente, se assente em uma cadeira de encosto, que fique com o corpo direito, lançará as mãos de um ministro, que com as suas por cima dos seus braços comprimirá a água para aquela parte onde se há-de abrir...e o cirurgião irá metendo a agulha que será oca. ...chegando ao lugar da água começar a sair...e tirando a agulha se cura com pano de ovo e com pano de vinagre; esta obra é feita de manhã, e sempre em minguante da Lua.” (Luz Verdadeira, e Recompilado Exame de Toda a Cirurgia, António Ferreira, pgs.111, 112, 1705).

Quanto ao resultado obtido terá sido uma excepção, pois que “... poucos hidrónicos escaparam depois de lhe tirarem a água com agulha , e nós confessamos também que nunca vimos furar hidrónico, que ainda que ficasse sem água no ventre, não morresse poucos dias depois .” (Medicina Lusitana e Socorro Delphico aos clamores da Natureza humana... , pgs. 667, 1731)



Fig 10- “Milagre que Nosso Senhor da Piedade fez a Maria das Dores a qual estando hidrónica se Subjeitou á operação da qual sahio perfeitissimamente em consequencia”

Origem: Santuário do Senhor Jesus da Piedade, Elvas

As pinturas dos ex-votos podem sugerir lesões ou doenças, mas é-lhes estranho o desenho anatómico. A pedagogia é outra que não a médica.

Neste quadro (fig.11), o posicionamento da mão direita e o modo como segura a pena, pode ser interpretado como doença reumatismal ou sequela de acidente vascular cerebral.



Fig 11- “REVINDO. QVEIXA. NOS DEDOS. AO DEZ..^{ER} I.S.T. IMPEDIA. ESCREVER. ALCANCOV.DOS..^{OR} DE MATOZINHOS. A LHE DAR.SAVDE: EFICOV. ESCRREVENDO. COMO. DANTES. AINDA q. COMAMAO. TODA”

Origem: Museu da S^{ta} Casa da Misericórdia de Matosinhos

Estas pinturas exprimem ocorrências, sumarizam acontecimentos. Em regra o corpo do doente é estático, muito embora também assuma posições e expressões que definem ou sugerem estados anatomo-patológicos. Os olhos, o mento, os antebraços, as mãos, os joelhos, assumem expressões de súplicas e de sofrimento mas é pelo texto e pela imaginação que nos apercebemos do que o campo visual não mostra: cegueira, caverna no pulmão, ascite, gota, enfarto do miocárdio, hemorragia de veia varicosa (fig.12).



Fig 12- “M^A que fes N S do carmo ao P^A Pregador Fe Francisco da Conceicam cujo gravemente em fermo de huma veyta cortada emplorou a devina Portesam da S^A orrestituiu a sua antiga saúde” . anno de 1767

Origem: Capela de N^a Sr^a do Carmo, Monte do Carmo, Azaruja

Os ex-votos dos “*desenganados*” ou dos “*sentenciados*” são hinos de glória à VIDA e de subjugação à MORTE, e transportam sentimentos que transbordam do quadro e se deixam ouvir no silêncio do quarto do doente ou se podem imaginar na representação da violência exterior, no perigo da morte.

Ao estado de moribundo é atribuída terminologia muito variada: “*estando com a terrível devoradora*”, “*estando de tudo despedida com a cera e a mortalha pronta*”, “*estando nos confins da vida*”, “*estando a morte Santa*”, “*estando já morto, no último artigo de vida*”, e outros. À cabeceira do moribundo é comum a representação do Cristo Crucificado ou da própria Cruz (Santa Cruz) mas como elementos salvíficos, que não de morte.

Na convicção que a morte é irrevogável, o próprio doente não a espera, oferece-se à divindade ou o oferecimento é feito pelos familiares: “*e o oferecendo sua mulher e seus filhos à dita Senhora com muita devoção cobrou saúde*”, toma-o nas Tuas mãos; faz o que Te aprouver porque o que mais lhe convêm só Tu sabes. Não é a entrega de um vencido, nem a submissão sem sentido. É a doação total (fig.13), é o espírito de Abraão

a imolar o filho a Deus “*estando em agonias de morte seus pais o ofereceram à Virgem Senhora e logo foi servida alcançar-lhe saúde*”.



Fig 13- “M.Q.FES.N.S. DALAPA EM AN.^{TO} FILHO DEAN.^{TO} ANRIQUES DAV.^A DECERNANCELHE OQVAL ESTANDO EMAGONIAS DE MORTE SEVS PAIS OOFERECERAÕ AV. SENHORA ELOGO FOI SERVIDA ALCANCARLHE SAVDE NO ANNO DE 1707”

Origem: Santuário Da Senhora Da Lapa, Quintela, Sernancelhe

A noção de morte expressa nos ex-votos é exclusivamente biológica, é a cessação das actividades autónomas do organismo e interpretado por métodos aleatórios e não baseados em factos incontestáveis. Daí haver a invocação da ressurreição: “*estando já morto o prometeu sua mãe ao Senhor S. Roque e teve logo vida*”.

A invocação ou sugestão pictural do estado de pré-morte é transmitida pela presença do sacerdote e pela ambiência do recolhimento, da aceitação, da meditação e da oração. Expressa o ritual da morte, da morte em família, de um adeus aos olhares de todos, de confiar a alma a Deus em serenidade. A perspectiva da morte é a preocupação central e constitui um elemento pedagógico participado pelas crianças que se associam aos rituais (fig.14).



Fig 14 - A perspectiva da morte

Origem: *Capela da Senhora das Necessidades, Soalheira, Fundão*

A medicina contemporânea regida pela técnica, pela bio-técnica, pelos conhecimentos moleculares, pela informática, não se pode alhear do humanismo, essencial à relação médico-doente. A medicina triunfante, da molécula e da tecnologia, só por si é uma medicina mecanizada e materialista que tende a esquecer ou esquece, a dualidade (corpo-alma) na unicidade de cada homem.

A linguagem de amor de Paracelso não é incompatível com a linguagem molecular, e os cuidados dirigidos ao orgânico têm de coexistir com os ministrados ao espírito, à alma.

Os problemas fundamentais do enigma (vida e morte), o sofrimento e a cura, constituem o âmago da Medicina, pelo que Medicina e Religião estabelecem uma relação em que o homem se integra e a que recorre quando se sente impotente para resolver, compreender ou mesmo aceitar o infortúnio.

O não morrer invocado nos ex-votos significa não morrer num determinado momento, não significa desejo de perenidade. É um não morrer muito diferente da tentativa de prolongamento da vida a qualquer preço ou mesmo de imortalidade, duma imortalidade apoiada pelos investimentos permanentes da biologia, património genético, fecundação “in vitro”, clonagem, congelação de corpos e de embriões “*ad vitae aeternum*”, transplantes.

Hoje os ex-votos certamente não representariam o moribundo no ambiente familiar. A morte é esperada em ambiente hospitalar onde as preocupações de médicos dispensam gestos e técnicas ao caso patológico, onde a emoção perturba a eficácia, onde, em regra, não há lugar a lágrimas nem inquietações da alma, o que propicia senão a desumanização, a ausência de humanização.

A palavra da pessoa curada tem mais importância que a do médico porque testemunha uma experiência própria, a sua vivência, a sua história. Expressa-a com simplicidade e ingenuidade no ex-voto que regista para o provir, a complexidade das angústias e a marca profunda do valor do divino no humano. Este princípio, quer assente na matriz da cultura cristã ou noutra, continuará a influenciar a sensibilidade e a inteligência das gerações vindouras e a acompanhar e a valorizar a medicina moderna - a medicina da técnica, a medicina informatizada, a medicina molecular - mas que por si só é reducionista.

Nota

As imagens apresentadas foram elaboradas pelo autor a partir de fotografias de ex-votos por si colhidas, com excepção das figuras nº 1, 6, 13 e 14;

Agradeço as prestimosas gentilezas e contribuições dos Ex.^{mos} Senhores:

Dr. Alberto Correia – ex-Director do Museu Grão Vasco

Dr. Alberto Seabra - Museu Nacional de Arte Antiga

Cónego Alves de Amorim, Reitor do Santuário de N^{ra}. S^a da Lapa, Sernancelhe

Dr. Amaro das Neves – Presidente da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães

Cónego João Maria Lourenço - Portalegre

Dr. Manuel Rodrigues de Sousa – Director do Museu da Misericórdia do Bom Jesus de Matosinhos

Dr^a. Maria Amélia Albuquerque, Condessa de Vila Real

Dr^a. Maria A . Pereira Miranda – Museu Antropológico da Univ Coimbra

Prof. Doutora Maria Eugénia Cunha – Directora do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra

D.^a Maria João Amorim Monte – Monte de N^a S^a do Carmo (Hotel Rural) Azaruja

Prof. Doutor Virgílio Hipólito Correia - Director do Museu Monográfico de Conímbriga